**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
ESCOLA DA TERRA**

**ADRIANA CARDOSO PAZ
GRAZIELE CONCEIÇÃO ROZEK COSTA
SUELI FERREIRA**

**O RESGATE DO PERTENCIMENTO DA CULTURA LOCAL NA ESCOLA
ITINERANTE SEMEANDO SABER DE FLORESTÓPOLIS**

Relato de Experiência apresentado ao curso de Aperfeiçoamento do Programa de Formação Continuada Escola da Terra da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito parcial para a conclusão do curso.
Orientador(a): Prof.(a)

**LARANJEIRAS DO SUL
2024**

Introdução

A Escola Itinerante surgiu a partir da necessidade das famílias acampadas de uma educação que fosse voltada para a realidade vivida pelas crianças e que atendesse as especificidades da luta e foi a partir dessa necessidade que em agosto de 2014 foi criada a Escola Itinerante Semeando Saber, localizada no Acampamento Zilda Arns, no município de Florestópolis, região Norte do Estado do Paraná. A escola foi construída em um espaço onde anteriormente era um estábulo da antiga Fazenda Porta do Céu, sendo reformada pelas próprias famílias acampadas para que atendesse os educandos que já viviam na comunidade desde março do mesmo ano.

Atualmente a escola atende educandos da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental, lutando por uma educação de qualidade e pela permanência das crianças e jovens no campo.

A Escola do MST é uma instituição educacional do campo, ligada ao movimento social pela Reforma Agrária no Brasil. É uma escola pública que envolve a comunidade na gestão e segue a Pedagogia do Movimento, que abrange várias abordagens pedagógicas. A Escola do MST se torna um espaço onde essas pedagogias se manifestam, promovendo atividades que consideram todas as dimensões da formação humana. É uma escola que visa humanizar seus integrantes, colocando o ser humano no centro, como sujeito de direitos e em constante desenvolvimento, respeitando seus próprios tempos. Nossa missão é formar indivíduos conscientes de seus direitos e dignidade humana, evitando tratá-los como meros produtos para o mercado de trabalho, pois isso desumaniza a todos (MST,2005).

Para cumprir essa missão de humanização, é essencial compreender e respeitar os ciclos da natureza e, especialmente, os ciclos da vida humana que estamos ajudando a moldar. Os alunos da nossa Escola são crianças, adolescentes ou jovens, cada um com suas particularidades, são do campo e fazem parte do MST, sendo herdeiros da identidade Sem Terra em formação. Desejamos que os alunos se desenvolvam plenamente, não apenas adquirindo conhecimentos ou habilidades técnicas. Eles precisam aprender a se expressar, ler, calcular, questionar, dialogar, debater, duvidar, sentir, analisar, relacionar, celebrar e desenvolver seu próprio pensamento e sentimentos. Tudo isso deve estar em harmonia com o projeto histórico do MST, que é um projeto de sociedade e de humanidade. Portanto, é fundamental que as educadoras da nossa Escola cultivem em si mesmas e nos alunos a sensibilidade e os valores humanos (MST,2005).

Diante deste modelo de educação defendido pelo MST se percebeu a necessidade de buscar resgatar o sentimento de pertença dos educandos quanto sujeitos Sem Terra de sua cultura local, sendo assim, a atividade foi desenvolvida entre os meses de abril e julho de 2024 com as turmas de 4º e 5º ano a partir da importância de que os educandos se reconhecessem como sujeitos Sem Terra, tendo conhecimento da realidade vivida junto com suas famílias desde a ocupação da área onde hoje é o Acampamento até os dias de hoje, valorizando assim, a cultura local e tornando-os sujeitos críticos.

Objetivos:

- Fazer com que os educandos sejam capazes de produzirem textos coerentes e eficazes, onde cada ser possa expressar sua opinião e habilidades.
- Reconhecer e relacionar medidas de tempo, massa e comprimento, em diferentes situações do cotidiano.
- Identificar a presença da água no cotidiano e reconhecer sua importância como recurso natural indispensável à vida no planeta.
- Reconhecer como funciona o ciclo da água na natureza e observar as alterações promovidas pela atividade humana.
- Identificar a importância do espaço geográfico, para que conseqüentemente possa entender as relações entre a sociedade e o meio ambiente.
- Ser capaz de identificar sua cultura e o contexto histórico do meio em que convive.
- Identificar sua moradia, o espaço escolar e os lugares que compõem o local onde reside, identificando tais pontos em uma planta baixa.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo compartilhar as práticas realizadas em sala de aula, permitindo a reflexão sobre essas práticas e contribuindo para a construção do conhecimento. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, pois “não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores” (GIL, 2012, p.175), a partir de pesquisa de campo, ainda de acordo com Gil (2002) o pesquisador precisa conhecer e participar da realidade a ser pesquisada.

Para atingir tal fim a pesquisa buscará relatar como o trabalho foi desenvolvido em sala de aula, qual a importância do mesmo para os educandos e comunidade e por fim, os desafios e objetivos alcançados a partir do desenvolvimento da mesma.

DESENVOLVIMENTO

Diante do quadro que se retrata algumas perdas da cultura local tomamos uma iniciativa entre professores e coordenação de ação dentro da escola que, buscasse fortalecer o sentimento de identidade, coletividade e compromisso dos nossos educandos com os ideais e objetivos do MST. Isso envolveria atividades que visam reforçar a ligação emocional e política dos envolvidos com a luta pela terra, pela justiça social e pela igualdade no campo, vindo de encontro com algumas disciplinas trabalhadas em sala de aula.

Neste contexto iniciamos nossa trajetória descobrindo o significado das palavras RESGATE e CULTURA para que os educandos pudessem compreender o verdadeiro sentido. A partir da referência resgate e cultura foi convidada uma companheira do Acampamento Zilda Arns e moradora desde antes da ocupação, onde a mesma relatou que em um sábado de carnaval quase 500 famílias do movimento dos trabalhadores rurais ocuparam a área de 2 mil hectares pertencente ao Grupo Atalla, uma empresa do agronegócio.

Nota-se que tratando de um tema com tal pluralidade deve se explicar também outra questão. Para discutirmos a cultura de um povo devemos detalhar sobre sua identidade cultural, que também vem causando um alvoroço nos meios científico. Hall definiu identidade em três conceitos básicos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

A primeira concepção de sujeito era como uma pessoa individualista, a sua identidade é ele quem faz, e permanece idêntica por toda sua vida. O sociológico é a mais usada nos dias atuais, como uma pessoa que sofre influência sim do meio onde convive, é alterável, o sujeito ainda tem o eu real, mas é modificado através da relação com o mundo exterior. E o último, o sujeito pós-moderno estrutura-se como um ser que não tem uma identidade fixa, essencial e permanente. (Hall, 2006, pp. 10, 11-2).

Percebe-se que a cultura do movimento não é permanente, embora as mudanças no campesinato sejam mais lentas, do que é observado nas cidades, pois nestas o acesso as informações e aos meios de comunicação chegam com formas menos

expressivas, devido às localizações onde situam as famílias assentadas, mas com o avanço nas últimas décadas em relação ao constante aumento das tecnologias voltadas para as telecomunicações está fazendo com que possa mudar esse modelo camponês, mas na contramão desse fato está à base cultural movimentista, os princípios e a visão própria e única.

Com alicerces reforçados, através de embasamentos teóricos e práticos são passados aos seus integrantes os valores essenciais de uma vida social igualitária, sem exacerbo, preponderância, uma vida simples apenas com exagero de força de vontade e sobra de trabalho, por que “É através do trabalho – esforço físico e mental – que o ser humano produz a si próprio e a sociedade em que vive. Daí é que toda a ação coletiva, o pensar, o fazer e o sentir constituem a cultura de um grupo social ou de um povo” ⁷.

Cultura Camponesa e sua visão na sociedade

A cultura camponesa é de forma unificada, não há diferenças entre localidades, embora a produção agrícola se diferencia devido ao clima, as terras e outros fatores. E a visão que é passada pela a elite burguesa também é única, mostrando um conceito pejorativo do camponês à sociedade, impedindo-a de ver como é vivido à cultura no campesinato, que segundo Bogo (2009) o modelo camponês que é mostrado já foi superado pelo próprio desenvolvimento cultural. Sendo assim a partir do momento que se acredita que essa imagem é verdadeira, a sociedade passa não apoiar as várias organizações de diversos fins que existe no âmbito rural, que nesse embate de ideias a burguesia leva vantagens, pois têm meios facilitadores que ajudam nessa disputa.

De um lado é mostrado um camponês atrasado, dos moldes de um “Jeca Tatu”, mas a realidade vivida mostra sua essência, que é a boa convivência com a vizinhança, formas alternativas de trabalho e de ajuda mutua, as festas, conhecimentos sobre a natureza, musica, poesia e outras formas de arte popular como afirma Bogo (2009).

Percebe-se mudanças culturais na atualidade no meio campesino, relacionado à herança que foi deixada das gerações anteriores, como a preocupação com o meio

ambiente, o que hoje é visto como degradação, antes era comum, tanto para os camponeses quanto para os governos. Assim como a educação não era vista como necessária atualmente e indispensável para o desenvolvimento agrícola. Dentro do MST os programas desenvolvidos servem de exemplos para se implantar a educação do campo, deixando de lado a ideia de, para que estudar sobre agricultura? Para aprender capinar? E explicitando a importância de ter conhecimento sobre técnicas agroecológicas, a necessidade de termos que reelaborar os conceitos sobre a área rural.

É viável dizermos que em relação à conscientização ambiental, uma boa parte do que é ensinado teoricamente e praticamente hoje em instituições de ensino tanto técnico como superior, já era usado nas roças dos assentamentos, como a desnecessidade do uso de agrotóxico, modelos de plantio entre outras técnicas, mas é claro que com embasamentos desnecessidade do uso de agrotóxico, modelos de plantio entre outras técnicas, mas é claro que com embasamentos científicos.

O MST também usa a educação para passar para seus integrantes os ensinamentos básicos e complexos, com o uso de pensamentos e teorias produzidos por importantes personalidades como Marx, Engels, Che Guevara e escritores do meio movimentista como Bogo e João Pedro Stedile. Esses ensinamentos são reproduzidos através do dia a dia dos camponeses. Outros aspectos como a ligação com a terra e o misticismo também são aprendidos e trabalhados nos assentamentos, esses mesmos são expressos nas mais diversas áreas artísticas como, a música, poesia e apresentações teatrais.

Considerações Finais

A experiência na Escola Itinerante Semeando Saber, no Acampamento Zilda Arns, destacou a importância de uma educação que reflita a realidade dos alunos e valorize sua cultura. A iniciativa de resgatar o sentimento de pertença e identidade dos educandos como sujeitos Sem Terra fortaleceu os laços com a luta pela terra e pela justiça social, centrais ao MST.

As atividades realizadas entre abril e julho de 2024 mostraram sucesso na sensibilização dos estudantes para a importância de sua cultura local e no desenvolvimento de

habilidades críticas. A abordagem pedagógica adotada promoveu a valorização dos direitos humanos e da dignidade, incentivando a expressão de opiniões e a compreensão do meio ambiente.

Apesar dos desafios de integrar o currículo escolar às especificidades culturais e históricas do campo, a colaboração entre educadores e famílias foi crucial para o sucesso da iniciativa. A Escola Itinerante Semeando Saber se firmou como um espaço de resistência e transformação, onde a educação é um instrumento de empoderamento e emancipação. Os aprendizados desta experiência servirão de base para futuras ações, reforçando a importância de uma educação do campo inclusiva e libertadora.

Referências

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

_____; Métodos e técnicas de pesquisa social/ Antonio Carlos Gil. – 6. Ed. – 5. Reimpr.- São Paulo: Atlas, 2012.

MST. Caderno de Educação nº13. Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001. 1ª Impressão, 2005.